



PESCADORES(AS) ARTESANAIS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO: A COMUNIDADE PESQUEIRA DO BAIACU – VERA CRUZ (BA)¹

Táise dos Santos Alves²

Resumo: O presente artigo, objetiva a compreensão e análise do espaço geográfico organizado e produzido pelos(as) pescadores(as) artesanais, ou seja, o espaço pesqueiro da comunidade do Baiacu situado no município de Vera Cruz (BA). O trabalho notou-se que ao se apropriarem da natureza, os pescadores(as) artesanais produzem espaço e, constituem suas espacialidades e territorialidades. Em Baiacu, em especial, destaca-se que o espaço que revela singularidades, graças à sua ocupação e construção histórica, já que, expressa simbolismos, metáforas, ricos em histórias e culturas, dotados de práticas e relações sociais, as quais os(as) pescadores(as), marisqueiras, vendedoras(es), crianças, mulheres, homens, transformam esse espaço num lugar único, de um povo singular, que faz do seu cotidiano “simples” a complexidade de entender as formas de resistência e manutenção de prática da vida através da pesca artesanal.

Palavras-Chaves: Pescadores(as) Artesanais; (Re)produção; Espaço Geográfico.

ARTISAN FISHERMEN/FISHERWOMAN AND SPACE PRODUCTION: THE FISHING COMMUNITY OF BAIACU - VERA CRUZ (BA)

Abstract: This article aims at understanding and analyzing the geographic space organized and produced by artisanal fishermen, that is, the fishing space of the Baiacu community located in the municipality of Vera Cruz (BA). The work was noted that by appropriating nature, artisanal fishermen produce space, and constitute their spatiality and territoriality. In Baiacu, in particular, the space reveals singularities, thanks to its occupation and historical construction, since it expresses symbolism, metaphors, rich in stories and cultures, endowed with social practices and relations, which), Fishermen, fishmongers, vendors, children, women, men, transform this space into a unique place, of a unique people, that makes their daily life "simple" the complexity of understanding the forms of resistance and maintenance of Practice of life through artisanal fishing.

Key-words: Artesanal fishermen, (re)production, geographical space.

PÊCHEURS (PÊCHEUSE) ARTISANAUX ET LA PRODUCTION DE L'ESPACE : LA COMMUNAUTÉ DE PÊCHEURS DE BLOWFISH-VERA CRUZ (BA)

Résumé: Cet article a pour but la compréhension et l'analyse de l'espace géographique a organisé et produit par les pêcheurs/pêcheuses artisanaux, c'est-à-dire, la zone de pêche de la communauté de la poisson-globe situé dans la municipalité de Vera Cruz (BA). Les travaux ont montré que lorsque vous prenez possession de la nature, les pêcheurs artisanaux produisent espace et constituent leurs spatialités et territorialités. En poisson-globe, en particulier, que l'espace révèle des singularités, grâce à votre profession et de la construction historique, puisque, dans le symbolisme, métaphores, riches en histoires et cultures, dotée de relations sociales et pratiques, dont les pêcheurs, les restaurants de fruits de mer, vendeurs (s), enfants, femmes, hommes, transformer cet espace en un lieu unique, un peuple singulier, ce qui rend votre vie quotidienne

¹ O presente artigo integra a pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação e Geografia da Universidade Federal da Bahia (PÓS-GEO-UFBA), defendida em 2015.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Pernambuco (PPGG-UFPE). Mestra em Geografia. Professora da Rede Estadual do Estado da Bahia. E-mail: taيسةalves85@gmail.com.



« simple » la complexité de comprendre les formes de résistance et de maintien de la pratique de la vie par la pêche artisanale.

Mots-clés: pêcheurs (pêcheuse) artisanaux; la procution; espace géographique

PESCADORES (AS) ARTESANALES Y PRODUCCIÓN DEL ESPACIO: LA COMUNIDADE PESQUERA DEL BAIACU – VERA CRUZ (BA)

Resumen: El presente artículo, objetiva la comprensión y análisis del espacio geográfico organizado y producido por lxs pescadorxs artesanales, o sea, el espacio pesquero de la comunidad del Baiacu ubicado en la municipalidad de Vera Cruz (BA). El trabajo pudo observar que al apropiarse de la naturaleza, los pescadorxs artesanales producen espacio que revela singularidades, gracias a su ocupación y construcción histórica, ya que, expresa simbolismos, metáforas, ricos en historias y cultura, llenos de prácticas y relaciones sociales, a los cuales pescadorxs, marisqueras, vendedorxs, niños, mujeres, hombres, cambian ese espacio en un único lugar, de un pueblo singular, que haz de su cotidiano “sencillo” la complejidad de comprender las resistencias y manutención de práctica de vida a través de la pesca artesanal.

Palabras-claves: pescadores (as) artesanales; producción; espacio geográfico

INTRODUÇÃO

Os espaços de prática da atividade pesqueira são áreas de interesses diversos, seja pela especulação turística, inserção de indústrias ligadas a parques aquícolas ou carcinicultura, e até mesmo política. Tais interesses e práticas impulsionam os conflitos pelo território da pesca artesanal, ou seja, os territórios pesqueiros. Tendem a gerar a diminuição da atividade, além da tentativa de invisibilizar os sujeitos que vivem da atividade pesqueira artesanal.

Nesse sentido, refletir sobre a pesca artesanal no Brasil significa refletir também sobre uma atividade que vem, em seu processo histórico, delineando diferentes sociedades (Diegues, 1983) que perpassam por suas **identidades** em seus diferenciados modos de vida, as quais também carregam suas **contradições** e, no âmbito da ciência geográfica, designam formas de **produção do espaço**. Mediada por este tripé – identidades, contradições e produção do espaço – desenvolvem-se as reflexões deste artigo, fruto do trabalho dissertativo por mim desenvolvido entre os anos 2013-2015, sobre o título “A pesca artesanal em Baiacu – Vera Cruz (BA): identidades, contradições e produção do espaço”.

A execução e reflexões da pesquisa passaram por muitas barreiras que levaram a recorrer diferentes trajetórias. A opção analítica deu-se com base na escala local, ou



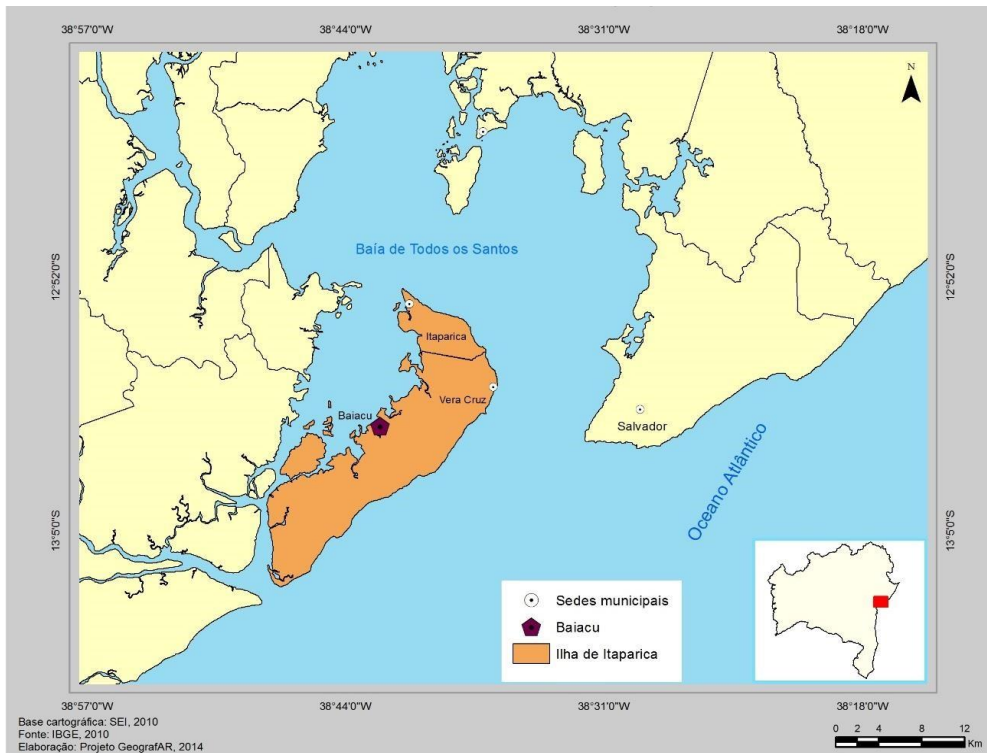
seja, Baiacu (Figura 1), comunidade pesqueira localizada na contra costa da Ilha de Itaparica, município de Vera Cruz (BA).

Entretanto, os jogos das escalas cruzam-se e se conectam, pois, a compreensão da chamada totalidade do espaço necessita aprofundar na dinâmica de suas relações, sejam elas políticas, sociais e/ou econômicas que perpassam por sua compreensão do global ao local. Para isso, foi necessário dialogar com as diferentes escalas de abordagem. Escala, nesse caso, seria uma estratégia de aproximação do real que necessita discorrer com as outras escalas que lhes dão sentido.

A localidade de Baiacu (Figura 1) é o recorte empírico e analítico do estudo, auto identificada como comunidade tradicional pesqueira, remanescente da primeira ocupação portuguesa da Ilha de Itaparica, em 1560. A atividade pesqueira é praticada há cerca de quatro séculos, sendo exercida pelos tupinambás (indígenas), os jesuítas (portugueses) e os africanos. Características que fazem da pesca uma herança histórica, pois a população sobrevive, basicamente, dessa atividade, da mariscagem e da agricultura de subsistência. Esse processo revela a articulação da pesca territorial realizada na água e também na terra pelos(as) pescadores(as) artesanais da comunidade. O que evidencia a importância da atividade pesqueira no fazer cotidiano dos pescadores(as), além da análise geográfica entorno da atividade pesqueira, pois a partir dos arranjos espaciais que compreende-se como se dá produção espacial e as territorialidades destes sujeitos.

Por isso, compreender as manifestações de resistência da pesca na comunidade, os sujeitos envolvidos, entender as dinâmicas dos(as) pescadores(as), suas identidades construídas (ou desconstruída), coletiva e política, para saber se a atividade no Baiacu é, de fato, um vetor econômico/político/social/cultural, foram importantes nas análises do mesmo. Assim o objetivo geral proposto foi: analisar a organização da pesca artesanal e como sua dinâmica faz parte do modo de produção e (re)produção do espaço no Baiacu – Vera Cruz (BA). Como objetivos específicos, aventa-se: (I) Identificar e caracterizar o território pesqueiro no Baiacu – Vera Cruz (BA); (II) Contextualizar o processo histórico da atividade pesqueira de Baiacu – Vera Cruz (BA); e (III) Caracterizar como as futuras gerações (as crianças) pensam e refletem sobre a pesca artesanal em Baiacu – Vera Cruz – BA.

Figura 1. Localização do Baiacu – Vera Cruz-Ba



A comunidade do Baiacu tem dimensão complexa e abrangente no que se refere à produção pesqueira, pois, os(as) pescadores(as) determinam sua organização e produção. Nota-se o papel central das mulheres nestas relações, uma vez que estas dominam o controle do escoamento de produção; criam relações, trocas, mecanismos que estabelecem e determinam o espaço pesqueiro, e constituem-se numa perspectiva terra/água. Essas especificidades garantem uma produção do espaço onde a pesca é elemento importante para a comunidade e justificam a persistência dos(as) pescadores(as) em produzir econômica e socialmente.

Além disso, ser pescador(a) artesanal configura-se como uma resistência, já que a comunidade encontra-se em um processo de transição no que se refere à seu contexto rural-urbano. As redes de produção, distribuição, consumo, relações sociais, interferem na produção do espaço da comunidade, além de contribuir na sua reorganização das práticas sociais. Tais aspectos advêm do processo global que penetram em diferentes localidades, trazendo consequências que são percebidas em seu interior. E Baiacu não está alheia a esse processo, pois a comunidade faz parte desse fenômeno, sendo observadas, então, essas transformações no movimento de seu cotidiano. Questões que marcam as possibilidades e limites de suas organizações.



Por outro lado, uma pesquisa científica é realizada conforme diferentes “olhares” e métodos de abordagem. No entanto, requer um diálogo contínuo entre teoria e empiria, e, em alguns casos, uma aproximação com os sujeitos analisados. Nesta pesquisa, a articulação entre os conceitos utilizados para a pesquisa de campo foi de suma importância para a elucidação das questões levantadas.

Este estudo tem caminhos diversos, assumidos como um desafio desde seu princípio, já que não há uma atuação presente do Movimento dos Pescadores e Pescadoras (MPP) e o Conselho Pastoral dos Pescadoras (CPP) em Vera Cruz (BA), e nem uma situação de conflito explícito, envolvendo tanto a comunidade, quanto aos pescadores(as) do município. De modo geral, na maioria das vezes, são as comunidades e/ou Movimento que demandam os estudos e pesquisas. Outro ponto que se diferencia a comunidade do Baiacu é sua fragilidade entorno da organização política entre os pescadores(as).

Mesmo reconhecendo as “barreiras”, a escolha pela comunidade do Baiacu se dar inicialmente, por ouvir constantemente no ambiente escolar a negação dos jovens (filhos/as de pescadores/as) sobre atividade pesqueira. Como docente em uma escola pública do município, trabalhando diretamente com adolescentes da comunidade, o não querer ser pescador(a) era algo constante em seus diálogo. Isto, foi o ponto de partida que desencadeou as reflexões deste trabalho.

Por isso, quando são destacadas as “barreiras”, referem-se aos jogos de relações políticas e de poder, nas quais se encontra essa comunidade. Para entender a dinâmica pesqueira, os sujeitos que fazem parte deste ciclo, como se relacionam, como e quando pescam, foram necessárias algumas estratégias metodológicas, uma vez que, nas primeiras visitas a Baiacu, evidenciaram-se distintos conflitos de interesses dos agentes e sujeitos envolvidos na gestão pesqueira local, bem como em todo o município de Vera Cruz (BA).

Entretanto, como não houve uma aproximação imediata com os(as) pescadores(as) locais, tendo em vista o conhecimento desses conflitos não tão explícitos (que somente ao longo da pesquisa foi possível entender o porquê dessas disputas) nem como saber quem é o pescador(a), a marisqueira, os moradores, as vendedoras do Baiacu, sem a intermediação das entidades pesqueiras locais, a articulação com umas das escolas públicas municipais da comunidade tornou-se um mecanismo de aproximação com os(as) pescadores(as).



A Escola Municipal Antônio Hemenegildo de Sena Pereira tem significativa importância na execução deste estudo, pois, foi por intermédio dessa unidade escolar que se estabeleceu contato com os sujeitos desta pesquisa. Destacam-se todos os integrantes da escola: a direção, as merendeiras, as professoras, os alunos. Os mesmos foram pontes que permitiram diálogos e contatos com a realidade pesqueira da comunidade, já que a maioria são moradores do Baiacu e tem envolvimento com a pesca artesanal, seja através de seus familiares que são pescadores(as)/ marisqueira/ vendedora ou pelo fato deles terem relação direta com a pesca.

Nesse processo, buscou-se, primeiramente, fazer um diagnóstico do cenário da atividade pesqueira no município, depois se estabeleceu contato com a comunidade escolar, que colaborou com o direcionamento dos caminhos e procedimentos metodológicos para chegar à discussão que aqui se apresenta. A pesquisa, então, organizou-se da seguinte maneira: A primeira parte consistiu no levantamento bibliográfico, cujos postulados dialogam com teorias aplicadas à Geografia, em especial, à questão da produção, (re)produção e organização do espaço e como sua materialidade, mediada pelo trabalho humano, atribui à construção do espaço pesqueiro, uma das vertentes teóricas desta pesquisa. Para tanto, foi realizado um levantamento de teses, dissertações, livros e artigos relacionados à área, até então publicados.

A segunda parte diz respeito à pesquisa exploratória, realizada junto à Colônia de Pescadores Z11 e o Sindicato dos Pescadores e Marisqueiras de Vera Cruz, com o objetivo de compreender o cenário pesqueiro. Essa etapa foi crucial na definição das estratégias das atividades e pesquisa de campo, pois aqui se percebe o “jogo” de relações e de poder no qual se encontra a atividade no município.

A terceira parte da pesquisa consistiu-se no levantamento de dados estatísticos e cartográficos. Os mesmos estão disponíveis em órgãos e entidades específicos ligados à produção pesqueira, comunidades tradicionais e censos realizados no Brasil, nos últimos anos. Nesse levantamento, como principais fontes estão: o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA); o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); a Bahia Pesca; a Prefeitura Municipal de Vera Cruz; a Colônia de Pescadores Z11 – Baiacu; Associação dos Pescadores e Marisqueiras do Baiacu; a Cooperativa REPESCAR; o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), Movimento dos Pescadores e Pescadoras



Artesanais (MPP), além do Banco de dados do Grupo de pesquisar GeografAR. Nessa etapa, efetivou-se uma análise estatística da produção da atividade no Estado, assim como uma caracterização dos(as) pescadores(as) na escala Brasil – Bahia – Baiacu.

A quarta etapa consistiu-se na pesquisa de campo propriamente dita. Durante os dois anos de realização da pesquisa, procurou-se construir uma relação de aproximação e respeito com os sujeitos analisados. A base da confiança estabelecida entre pesquisadora-pesquisados foi de profunda importância nos resultados obtidos. Nesse sentido, o procedimento desta pesquisa foi dividido nas principais etapas:

- Observação participante nos encontros do MPP (Nacional e Bahia), como também nas oficinas e seminários promovidos pelo Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP – Regional Bahia) e a participação no recolhimento de assinaturas da Campanha Nacional em Defesa dos Territórios das Comunidades Tradicionais Pesqueiras. Esses momentos permitiram conhecer a realidade dos(as) pescadores(as) artesanais da Bahia, a dimensão dos conflitos em que se encontram esses sujeitos, além do aprendizado sobre as questões referentes à sua organização e à luta em defesa de seus territórios.

- Entrevistas estruturadas com representantes da gestão pesqueira do Baiacu e do município de Vera Cruz: Colônia, Associação, Sindicato, Cooperativa e a Prefeitura. Nessas entrevistas, foram levantadas questões como a organização das entidades, seu papel na atividade pesqueira e suas ações na comunidade. Essas entrevistas possibilitaram evidenciar o desenvolvimento da atividade pesqueira local, assim como as contradições existentes neste processo.

- Entrevistas semiestruturadas com pescadores(as), marisqueiras, vendedoras, moradores do Baiacu para compreender a organização da pesca artesanal na comunidade. Essas entrevistas foram de caráter narrativo, em que os(as) entrevistados(as) puderam contar suas histórias de vida e os motivos que os fizeram/fazem se fixar na atividade pesqueira no Baiacu.

- Oficina de Geografia com os filhos/filhas dos(as) pescadores(as), marisqueiras e vendedoras. A mesma ocorreu durante dois meses (maio a julho), na escola Antônio Hemenegildo de Sena Pereira. Foram realizadas aulas-oficinas com 18 alunos do quinto ano do ensino fundamental I, com idades entre 10 e 12 anos. As intervenções foram feitas de modo que se pudesse conhecer como esses sujeitos veem seu espaço de vivência, quais eram/são seus cotidianos e como percebem a pesca artesanal. Estabeleceu-se uma parceria



com a professora regente pelo fato de os conteúdos trabalhados nas oficinas estarem em consonância com seu planejamento pedagógico.

Assim, os conteúdos trabalhados foram: O Baiacu no mundo: onde estamos? Relações socioespaciais: história da ocupação do Baiacu; Representação cartográfica e o Papel do trabalho na sociedade: para que trabalhamos?

As discussões com os alunos permitiram fazer um diagnóstico sobre a negação e desvalorização que circunda sobre a atividade na comunidade, além de sua caracterização e importância, mesmo perpassando pelo viés da negação deste grupo de alunos. Durante as oficinas, foram resgatadas as histórias da origem da comunidade, as razões que a levou a ser batizada pelo nome Baiacu, suas características, lendas, formação da população local, e atividades econômicas que são desenvolvidas: a pesca e a mariscagem (Figura 3).

VERA CRUZ (BA): O CENÁRIO DA PESCA ARTESANAL

O estado da Bahia possui um dos litorais mais extensos do Brasil. Segundo o IBGE (2010), são mais de 1.100 km distribuídos em: 230 km de litoral norte, 200 km da Baía de Todos os Santos e 673 km do litoral sul e do baixo sul. Nesse extenso litoral, encontra-se a Ilha de Itaparica, que está situada à porção leste da Área de Proteção Ambiental Baía de Todos os Santos (APA/BTS).

A Ilha de Itaparica encontra-se na Baía de Todos os Santos (BTS), é uma das ilhas marítimas mais extensas do Brasil, com 239 km². Seu território é formado pelos municípios: Itaparica e Vera Cruz. O município de Vera Cruz, geograficamente, faz parte do Recôncavo Baiano. Entretanto, é integrante da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Sua emancipação ocorreu em 31 de Julho de 1962. A mesma tem abrangência de 211km².

O município de Vera Cruz está localizado na Ilha de Itaparica, distando da capital baiana (Salvador) 289 km por via terrestre e a 6km via marítima através do sistema *Ferry Boat* ou lanchas. Possui uma população de 37.567 habitantes (IBGE, 2010). No município, segundo o IBGE (2010), existem três distritos: Mar Grande (sede municipal), Cacha Pregos e Jiribatuba, sendo classificadas, pelo órgão, as demais localidades como povoado e todos esses núcleos urbanos se estruturam basicamente ao longo de três rodovias estaduais, a BA 001, a BA 881 e a BA 882.



Conforme, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Vera Cruz (PDDU, 2002) o município possui quatro distritos: Mar Grande (sede municipal); Barra do Gil; Jiribatuba; e Cacha Pregos. Abrange quatorze vilas: Ilhota; Gamboa; Gameleira; Penha; Taipoca; Coroa; Baiacu; Berlinque; Conceição; Barra Grande; Matarandiba; Tairu; Aratuba e Barra do Pote. São também administrados pelo município seis povoados: Juerana; Porrãozinho; Ponta Grossa; Campinas; Catu e Porto Sobrado (Mineiro, 2010.).

A atividade pesqueira faz parte da história da Ilha de Itaparica. Os registros históricos apontam que, desde a ocupação portuguesa, em 1560, há presença da atividade. A ocupação pelos jesuítas, nas terras da Ilha, se fez no ano de 1560. Foi, então, instalado um pequeno povoado que recebeu o nome de Vila do Senhor da Vera Cruz e, nele, foi construída a primeira Igreja Católica da Ilha, assim como um mosteiro. Esse povoado foi emancipado e passou a ser chamado de Vila do Baiacu, que, em meados da década de 1970, era a mais importante colônia de pesca da Ilha de Itaparica (Mineiro, 2010).

Essa ocupação fomentou a caça da baleia em Itaparica. Tudo começou em 1602, quando a Coroa Ibérica (união de Espanha e Portugal) permitiu que estrangeiros pescassem baleias nas águas do Brasil. O reino espanhol aproveitava a experiência de Pêro de Urecha e seu sócio, Julião Miguel, que iniciaram seus trabalhos na Bahia. Eles vinham da província de Biscaia (província localizada no norte da Espanha), e possuíam tradição de captura do cetáceo (Castellucci Junior, 2005).

Pode-se destacar que este processo se torna indícios da indústria pesqueira (juntamente com o comércio do pescado) chamada de “armações baleeiras”. Sua estrutura era composta por: embarcações, fábricas, alojamentos, armazéns, fornalhas, tanques, caldeiras, escravos, terras, petrechos de caça e de produção do azeite. Para Dias (2010), os primeiros estabelecimentos da indústria baleeira foram erguidos na Ilha de Itaparica na entrada da barra, Ponta de Cruz, em frente à cidade do Salvador, no início do século XVII. O foco da produção era a extração de óleos, matéria-prima do azeite. O mesmo era o principal produto extraído do derretimento da gordura animal, o toucinho, que abastecia as lamparinas que iluminavam as casas, os engenhos, as próprias armações durante a noite. A produção abastecia a Bahia, outras capitânicas e também era enviada para Biscaia.

É importante evidenciar que este processo foi realizado pelos negros escravizados e a técnica pesqueira advinha dos espanhóis, segundo os estudos de Dias (2010). Com a entrada/inserção do navio a vapor nas águas da BTS, além dos novos arranjos da produção urbana, o número de baleias veio a desaparecer, tornando-se uma pesca predatória e uma



atividade menos lucrativa na área. Nos estudos de Diegues (1983), a pesca da baleia desaparece do litoral brasileiro somente nos anos de 1970, com a desativação da empresa japonesa em Cabedelo (Paraíba), embora todas as armações baleeiras existentes haviam terminado suas operações no litoral brasileiro em meados do século XIX. Por outro lado, na Ilha,

Como a pesca de baleia não era mais tão expressiva e foi proibida a captura, outra pesca recebeu destaque, a do xaréu. Osório (1979) relata que a pescaria do xaréu era de grande rendimento, mesmo sendo de pequena escala na maior parte do tempo, os pescadores da região da Ilha de Itaparica chegavam a pescar, na safra, cem toneladas do peixe (Mineiro, 2010, p. 68).

Dessa forma, a pesca artesanal configura-se como uma das principais fontes econômicas do município de Vera Cruz, atualmente. Em todos os locais (sede, vilas e povoados), são encontrados pescadores(as) e marisqueiras artesanais. Oficialmente, há, na ilha, quase 7.000 pescadores(as) (MPA, 2010).

Nas vilas de Ilhota, Gamboa, Gameleira; Penha; Taipoca; Coroa; Baiacu; Berlinque; Conceição; Barra Grande; Matarandiba; Tairu; Aratuba e Barra do Pote, a pesca artesanal se caracteriza como elemento de destaque socioeconômico e contribui para a reprodução social dos(as) pescadores(as) artesanais locais (figura 2). Por isso, neste estudo, as mesmas serão consideradas comunidades tradicionais pesqueiras. Por entender que são grupos sociais, segundo critérios de auto-identificação, que tem na pesca artesanal elemento preponderante do seu modo de vida dotado de relações territoriais específicas referidas à atividade pesqueira, bem como a outras atividades comunitárias e familiares, com base em conhecimentos tradicionais próprios e no acesso e usufruto de recursos naturais compartilhados (MPP, 2012).

PRODUÇÃO DA PESCA ARTESANAL EM BAIACU

Para Corrêa (2002), a reprodução dos grupos sociais se faz através de muitos meios. Seja pela transmissão do saber, relações, culturas e um dos mais importantes: a sua organização espacial. Para o autor, ao fixar no solo os seus objetos, fruto do trabalho social e vinculadas às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por este alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio grupo. Desta

forma, a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e disposto sobre a superfície da Terra, é assim um meio presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução). (Corrêa, 2002, p. 27).

Dessa forma, buscar entender qual a organização produtiva da pesca artesanal nas escalas: Bahia – Vera Cruz – Baiacu permite avaliar como ocorre sua articulação em seu interior, em especial no recorte deste estudo, Baiacu, além de colocar em evidência a produção pesqueira na Bahia nos últimos anos, relações comerciais estabelecidas, escoamento da produção e a organização estabelecida nestas escalas, a partir dos dados do MPA.

Kunh (2009) destaca – a partir dos escritos de Santos (2014) – que as variáveis adotadas precisam levar ao entendimento das questões fundamentais que perpassam o fenômeno analisado, neste caso em específico, no circuito produtivo da pesca artesanal. Para isso, as questões fundamentais a serem entendidas em sua perspectiva devem ser: (a) como se dá a organização da produção, (b) como se dá a relação de produção e (c) como se dá a apropriação da renda obtida com a produção. Nota-se que, no Baiacu, há uma organização do circuito da pesca bem particular, já que as mulheres assumem o papel do escoamento da produção local.

Sobre a organização espacial, percebe-se que a mesma é a expressão da produção material do homem. É resultado do trabalho social realizado no espaço, o qual reflete as características de quem o determina. Cabe ainda destacar as relações de classes que refletem a natureza classicista de produção e as relações de poder que prevalecem neste “jogo” (Corrêa, 2002). Por isso, o circuito produtivo da pesca artesanal possui algumas especificidades que refletem as características deste grupo social, a exemplo da concepção histórica por trás da produção pesqueira,

Nas questões históricas que marcam as políticas públicas voltadas para a pesca artesanal, é possível afirmar que o Brasil ainda prescinde de uma estrutura espacial mais eficiente para garantir a produção efetiva de pescado. Implantação de pontos de desembarque voltados para a lógica da pesca artesanal, estrutura de armazenamento e beneficiamento de pescado e capacitação do pescador artesanal nos quesitos produção, beneficiamento, cooperativismo e comercialização dos produtos são os maiores desafios para que os pescadores possam se inserir de forma mais autônoma no circuito produtivo da pesca no Brasil (Kunh, 2009, p. 93).



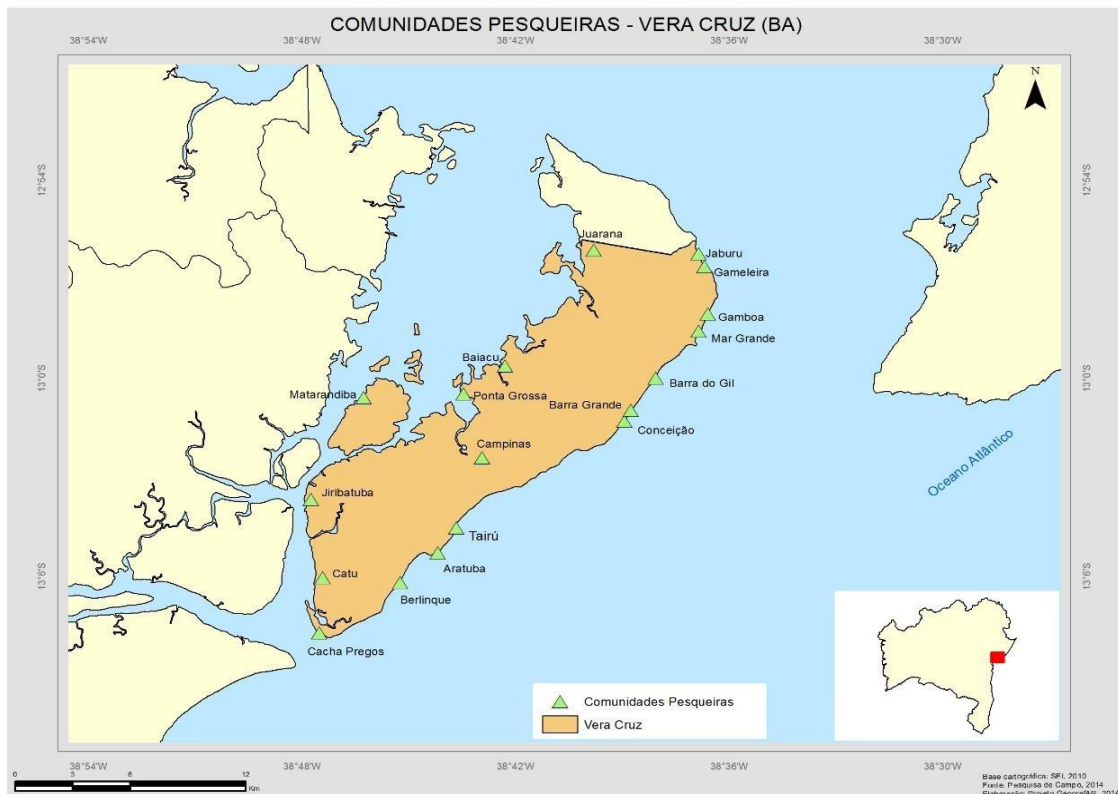
Ainda sobre estas questões históricas, nota-se que a produção pesqueira artesanal baiana é dotada de raízes e tradições advindas de diferentes culturas. Técnicas e equipamentos usados até a contemporaneidade as quais acabam interferindo na produção, já que são necessárias no ato da pesca, além de entender quais as especificidades dos(as) pescadores(as) e marisqueiras, a exemplo do uso dos anzóis e linhas, jangadas, canoas (índios); currais de pesca em lagunas, cofos e pesca noturna (africana); e redes de pesca (portuguesa), desta forma, percebe-se que “a história da produção de pescado na Bahia sempre esteve relacionada com a influência destes três ramos culturais”: indígena, africana e portuguesa (Kunh, 2009, p.97).

Nota-se, *a priori*, que tanto a organização, quanto o circuito produtivo da pesca artesanal na Bahia devem ser compreendidos em sua perspectiva histórica, cultural e relações políticas institucionais que, acredita-se ser um desafio, uma vez que, para ter acesso a essas informações, foi preciso adentrar na realidade local, devido à falta de informações e dados sobre a produção pesqueira na Bahia, sobretudo, no município de Vera Cruz.

Desta forma a produção da pesca artesanal na Comunidade do Baiacu possui algumas especificidades que vão ganhando diferentes formas com o passar dos anos. Nesse contexto, cabe frisar o papel das mulheres, que tornam o cenário da produção pesqueira dotadas de particularidades os quais ganharam diferentes variações no decorrer de sua produção.

A partir das visitas/atividades de campo notamos que há uma transição entre as relações sociais. Estes nos remetem a permear pelas discussões teóricas sobre a pequena produção mercantil proposta nos estudos de Diegues (1983). Para o autor, as formas de organizações dos(as) pescadores(as) artesanais carregam estas especificidades, já que são modalidade de apropriação material e social determinadas pelos recursos existentes nos ecossistemas marinhos, ou seja, os(as) pescadores(as) são sujeitos que determinam tanto sua produção quanto a reprodução social por possuírem os meios para realização do seu trabalho.

Nesse cenário, será enfatizada a comunidade do Baiacu, por estar localizada na contra- costa da Ilha e sua fonte socioeconômica ser, basicamente, oriunda da pesca artesanal.

**Figura 2. Comunidades Pesqueiras – Vera Cruz-BA**

A pescadora/marisqueira e o pescador da comunidade Baiacu são proprietários dos meios de produção, além de determinarem a organização do seu circuito produtivo, por visualizar em campo que a grande maioria possui suas próprias: redes, canoas motorizadas e não motorizadas, manzoá de ferro, linha, baldes, colheres e etc.

Outro ponto importante nestas relações é que parte dos pescadores(as) possuem mais de uma embarcação e alugam para outros pescadores(as) da comunidade, existe também uma terceirização dos serviços entre os(as) pescadores(as), as marisqueiras e as vendedoras. Algumas marisqueiras contratam os serviços de outras mulheres (que também são marisqueiras) para o catado de siri, por exemplo. Nessas mediações, percebem-se as relações capitalistas de produção na comunidade, pois estas nuances irão estabelecer diferentes relações que representam ao mesmo tempo uma dualidade e também divergências, pela possibilidade de diferentes formas exploração entre os(as) próprios(as) pescadores(as), já que as posses dos meios de produção determinam hierarquias e ficam com a maior parte da produção.

Neste sentido, a comunidade adentra na lógica da pequena produção mercantil. Concordamos com Kunh (2009) quando destaca que os(as) pescadores(as) artesanais,



ainda que diferenciados neste processo, inserem-se no mercado capitalista no momento da venda do produto obtido (em suas trocas e valores, tanto de *uso* quanto de *troca*), nas trocas de serviços, aluguel de embarcações, dentre outros. Os próprios agentes do capital, em diferentes escalas, se beneficiarão dessa inserção do grupo da pequena produção mercantil da pesca, assim como se beneficiam da inserção do camponês – neste caso o(a) pescador(a).

No momento da chegada da canoa (Figura 3), são determinados os valores do peixe, formas de pagamento, trocas de informações sobre a vendagem entre as vendedoras e os pescadores (Figura 3).

Figura 3. Momento da chegada dos pescadores



Foto: Taíse Alves (2014)

O uso dos baldes é uma peça importante nestas mediações, pois cada balde possui 10kg e é com eles que ocorrem a medição do pescado, as próprias vendedoras levam os baldes na cabeça, os colocam com a ajuda dos pescadores e outras vendedoras. Isso ocorre de forma semelhante com a mariscagem, entretanto, para sua (re)venda.

Essas relações são evidentes na chegada dos pescadores ao porto. Ali, eles determinam e negociam os valores do pescado. Não há a circulação em dinheiro “vivo”, os mesmos usam a ‘camaradagem’ e a confiança no outro. Os valores, no entanto, variam de acordo ao pescado, ou seja, entre R\$5,00 a R\$25,00. O Camarão, por exemplo, é vendido por R\$ 20,00. Este valor é decorrente pela “baixa” captura do camarão nas coroas.

Uma especificidade do resgate histórico da comunidade, a qual na contemporaneidade não se faz presente graças a outras formas de manejo e conservação do pescado, era o processo de “salgar” o peixe. Atualmente, a maioria das mulheres possui, em suas casas, *freezer* para conservação do pescado e marisco, por isso este processo não se faz presente. Entretanto, era uma forma interessante de conservação, feito da seguinte forma,

Chegava no porto pegava o xangó, tirava a barriguinha aí passava sal. Aí no outro dia elas iam com dois pedaços de palito e fazia isso de um a um. Depois tirava o excesso do sal e em consequência as escamazinhas ficavam. Depois pegava aquilo e colocavam no giral para secar. Quando secava pegava e amarrava uma quantidade, 16 de um lado e do outro. Depois passou pra 6 e depois para quatro. Hoje não tem mais o processo do sal, mas sempre foi trabalhando para revender a outra pessoa (Depoimento de uma pescadora da comunidade do Baiacu, em pesquisa de campo, julho de 2014).

Os depoimentos dos pescadores e vendedoras fizeram chegar à seguinte conclusão resumida no Quadro 1, em que destaca-se a evolução das técnicas de produção, diminui o tempo de tratamento e manejo do pescado, assim como a quantidade de mulheres. Por outro lado, nota-se que há uma grande dependência do *freezer* para que o pescado chegue com qualidade até o cliente e a diminuição do tempo de trabalho pode ser um vetor que valoriza a produção.

Quadro 1. Evolução das técnicas de conservação da produção pesqueira no Baiacu

ITENS	PRÁTICA ANTIGA	PRÁTICA ATUAL
TIPO	Peixe Salgado	Peixe Fresco-congelado
ENERGIA USADA	Sol	Elétrica
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Água Faca Giral Palito Sal	Água Faca <i>Freezer</i> Embalagem
TEMPO USADO	3 dias	3 a 4 horas
PESSOAS ENVOLVIDAS	3 a 4 mulheres	1
VALOR	Menor valorização do pescado	Pescado mais valorizado por ser fresco

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014

As pescadoras (es), marisqueiras, vendedoras (es) pesquisadores não sabem responder ao certo quando as mulheres assumem o papel do escoamento da produção



local, mas destacam que ocorre há anos e desde crianças estão envolvidas, sendo uma herança que também perpassa para suas filhas.

Percebe-se que as transições de tempo-espço são características que os homens carregam para se adaptarem às necessidades impostas pela dinâmica da sociedade, as quais evidencia Santos (2014). Para o mesmo, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão, novas características.

Por consequência, os eventos ganham força pelas relações entre as escalas, ou seja, Baiacu destaca-se no cenário pesqueiro de Vera Cruz no momento em que seu pescado amplia seu circuito, e, sobretudo, quando as mulheres deixam de ser submissas no sentido de não apenas cuidarem do tratamento e limpeza do pescado para serem protagonistas de dominar as técnicas de produção, não apenas da mariscagem, mas possuírem também suas canoas e ao mesmo tempo “governá-las” e por dominarem a vendagem do pescado na comunidade.

Este processo é marcado pelo relato dos pescadores. As mulheres não ficaram responsáveis apenas por mariscar, elas fazem parte de todo o processo da atividade pesqueira, desde o tratamento do pescado após a pescaria; elas são especialistas em catar siri, além de serem (sempre) responsáveis pelo escoamento e circulação do pescado e/ou mariscagem para outros locais da Ilha e municípios,

Cada menina dessa vende em um lugar, eu mesmo, saio para vender dia de sexta-feira, os outros dias “tô” na maré. Levanto bem cedo, pego o primeiro *ferry*, levo o pescado todo tratadinho e vou vender na Ribeira [...] e meus clientes são certos, já vendo a anos lá (Depoimento de uma vendedora da comunidade do Baiacu).

Por isso, evidenciamos a complexidade de entender o papel destas mulheres no Baiacu, pois as mesmas têm funções múltiplas na comunidade. Elas fazem o papel dos chamados “atravessadoras”, são marisqueiras, são pescadoras, fazem o tratamento e manejo do pescado, são especialistas no catado do siri e determinam o circuito e escoamento da produção pesqueira da comunidade. Uma única mulher pode assumir todos estes papéis na comunidade. Assim, cada vendedora possui um ponto de venda em específico, possuindo uma lista de clientes fixos. A grande maioria transita em diferentes bairros de Salvador, como Bonfim, Ribeira, São Joaquim, Liberdade além do Mercado do Peixe. Outras ficam em Itaparica, São Francisco do Conde, Lauro de Freitas, Santo Antônio de Jesus, CIA (Simões Filho), Nazaré, São Felipe, Conceição do Almeida e demais locais. Ocorre também a venda em Vera Cruz, mas é um movimento bem

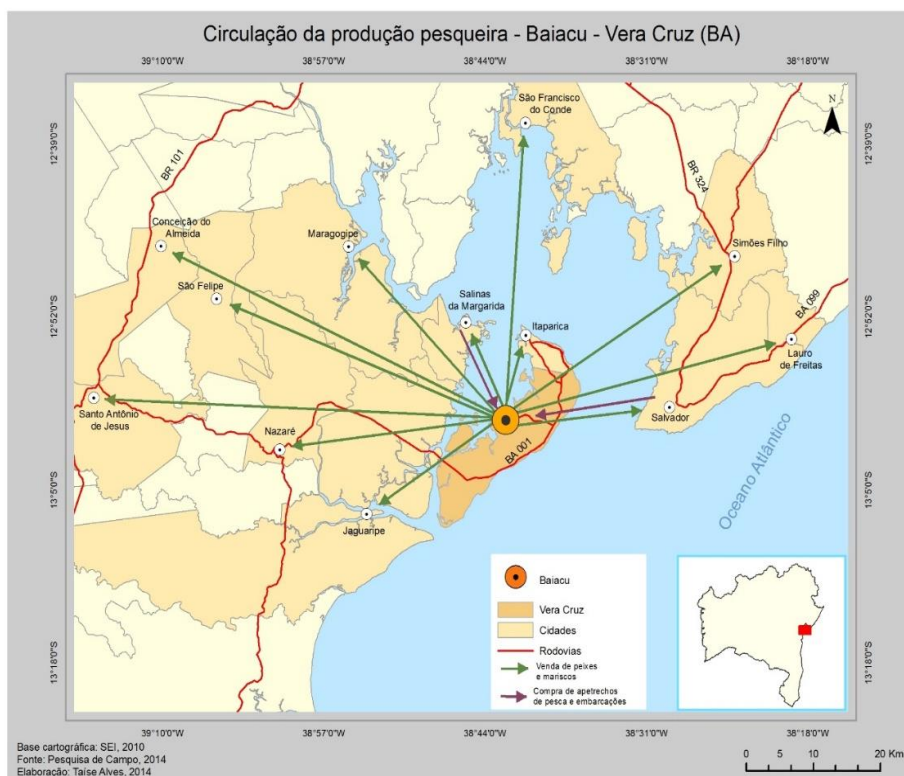


específico, pois só ocorre fortemente na época do verão quando a Ilha possui um maior fluxo de turistas. Neste caso, é vendido para bares e restaurantes (Figura, 4).

Outra dimensão que merece nossas considerações são os diferentes tempos que se cruzam na comunidade, passado/presente e até mesmo o futuro, mediados pelo cotidiano destes sujeitos, revelando as experiências com a natureza e permitindo evidenciar que os pescadores do Baiacu fazem deste espaço seu recurso. Recurso de trabalho, recurso de sentido, de relações, da própria vida, pois é desse espaço que retiram suas rendas, mas não se configura apenas pela lógica capitalista de produção, mas suas sociabilidades. Neste sentido, atribui-se relevância às ideias de Silva (2014), quando retifica,

[...] para o(a) pescador(a) que vive a experiência de vivenciar a natureza, como recurso, o mar como trajeto de seu corpo no espaço (o vento, as marés, a chuva, o sol), a natureza não é recurso segundo a lógica capitalista, não é metáfora, é a tessitura do seu corpo, é sua condição de existência que envolve elementos de imanências – necessidades imediatas de acesso à riqueza, trabalho e renda, mas ao mesmo tempo transcendência, sentido do seu fazer, construído pelas relações culturais – de estar mundo, tecer rede, pescar, de navegar, de saber sobre os perigos do mar (Silva, p. 23, 2014).

Figura 4. Circulação da produção pesqueira – Baiacu–Vera Cruz-BA





Por isso, destaca-se que somente acompanhando o cotidiano dos(as) pescadores(as) e marisqueiras, é que se percebem os conflitos expostos, não apenas pelos seus relatos, mas observando-os, buscando entender os “jogos” de relações estabelecidas para analisar os elementos que compõem este espaço no cotidiano presente, já que o pescador é ser, é presente, vive e experimenta a modernidade como qualquer pessoa na contemporaneidade (Silva, 2014). Outra questão que não podemos furtar de evidenciar aqui é que estes(as) pescadores(as) estão inseridos e experimentam a modernidade do capitalismo, pois querem melhores condições de vida e acessos a outras instâncias sociais. Já que estão em contato com o mundo, se relacionando, vivendo outros espaços, as relações de escalas também dimensionam esta relação e seus desejos.

PARA NÃO CONCLUIR...

A comunidade do Baiacu tem dimensão complexa e abrangente no que se refere à produção pesqueira, pois, os(as) pescadores(as) determinam sua organização e produção. Nota-se o papel central das mulheres nestas relações, uma vez que estas dominam o controle do escoamento de produção; criam relações, trocas, mecanismos que estabelecem e determinam o espaço pesqueiro, e constituem-se numa perspectiva terra/água. Essas especificidades garantem uma produção do espaço onde a pesca é elemento importante para a comunidade e justificam a persistência dos(as) pescadores(as) em produzir econômica e socialmente.

Assim, evidencia-se na presente pesquisa que Baiacu é um espaço que expressa simbolismos, histórias e culturas, dotada de práticas e relações sociais as quais os(as) pescadores(as), marisqueiras, vendedoras(es), crianças, mulheres, homens fazem deste espaço um lugar único, de um povo singular, que faz do seu cotidiano “simples” a complexidade de entender as formas de resistência e manutenção da prática da vida através da pesca artesanal.

Referências

CASTELLUCCI JUNIOR, W. *Pescadores da Modernagem: Cultura, Trabalho e Memória em Tairu, BA (1960-1990)*. São Paulo: Annablume, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 15-47.



_____. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 2002.

DIAS, Camila Baptista. *A pesca da baleia no Brasil colonial: contratos e contratadores do Rio de Janeiro no século XVII*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010. 142f.

DIEGUES, A. C. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

GEOGRAFAR – A Geografia dos Assentamentos na Área Rural. Mapeamentos temáticos do Estado da Bahia. *Banco de Dados*. Grupo de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia. IGEO/UFBA/CNPq. Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.geografar.ufba.br/site/main.php?page=db-formas-de-acesso-a-terra>> Acesso em: 10 out. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 junho de 2013.

KUHN, Ednizia Ribeiro A. *Terra e água: Territórios dos Pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu – Bahia*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador (Ba), 2009. 173f.

MINEIRO, Erika Teles Cordeiro. *Modelagem Etnoecológica da Pesca Artesanal em Recifes de Coral. Aratuba – Ilha de Itaparica – Bahia*. Dissertação (Programa De Pós-Graduação Em Modelagem Em Ciências da Terra e do Ambiente – PPGM) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010. 226f.

MPP. Movimento dos Pescadores Artesanais. *Cartilha Movimento Pescadores e Pescadoras Artesanais*. Bahia, jul. 2012. Disponível em <<http://cppnorte.wordpress.com/documentos/>>. Acesso em: 20 maio de 2012.

MPP. Movimentos dos Pescadores e Pescadoras Artesanais. *Campanha Nacional pela Regularização do Território das Comunidades Tradicionais Pesqueiras*. Folder de Divulgação. MPP Olinda. Pernambuco, 2012.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. 5.ed. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. *A Natureza do espaço – técnica e tempo. Razão e Emoção*. / Milton Santos – 4. ed., 8. reimpr. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Catia Antonia da. Elementos Epistemológicos e metodológicos para uma geografia das existências. In: SILVA, Catia Antonia da (Org.). *Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 13-26.

RIOS, Kássia Aguiar Norberto. *Da produção do espaço a construção dos territórios pesqueiros: pescadores artesanais e carcinicultores no distrito de Acupe – Santo Amaro (BA)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, 2012. 263f.

Recebido em junho de 2017
Aprovado em setembro de 2017